

# EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO: o movimento tradicionalista gaúcho

**Ruben George Oliven**

Dois aspectos são comuns àqueles que, a partir de perspectivas diversas, cultuam as tradições gaúchas: a presença do campo, mais especificamente da região da Campanha, localizada no sudoeste do Rio Grande do Sul, na fronteira com Argentina e Uruguai; e a figura do gaúcho, homem livre e errante, que vagueia soberano em seu cavalo, tendo como interlocutor privilegiado a natureza das vastas planícies dessa área pastoril (Oliven, 1988).

Esse culto à tradição passou por diversos momentos. Começou em meados do século XIX, quando não existia mais a figura marginal desse gaúcho do passado, gradativamente transformado em peão de estância. Por volta de 1870 o Rio Grande do Sul experimentou modificações econômicas - com o cercamento dos campos, o surgimento de novas raças de gado e a ampliação da rede viária - que atingiram e modernizaram a Campanha, simplificando sua pecuária e eliminando certas atividades servis, como as dos posteiros e dos agregados, expulsos dos campos em grande número. A implantação de frigoríficos estrangeiros e a decadência das chasqueadas gaúchas acentuaram esse processo a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, quando começou a aparecer o 'gaúcho a pé', expressão usada nos romances sociais de Cyro Martins.

Em meados do século XIX a figura do gaúcho estava praticamente extinta. Por isso, estava também em condições de ressurgir como instrumento ideológico de sustentação dos que a tinham destruído (Gonzaga, 1980, pp. 118-119). Em 1868, um grupo de intelectuais e escritores fundou em Porto Alegre o Partenon Literário, sociedade de letrados que, através da exaltação da temática regional, tentou juntar os modelos culturais vigentes na Europa e a visão positivista da oligarquia rio-grandense. Vejamos o que diz Sergius Gonzaga:

“Caberia aos integrantes da Sociedade Partenon o esforço para louvação dos tipos representativos mais caros à classe dirigente. Sedimenta-se ali o início da apologia de figuras heróicas, alçadas à condição de símbolos da grandeza do povo rio-grandense. Encontra-se na sedição farroupilha os paradigmas de honra, liberdade e igualdade que se tornariam inerentes ao futuro mito do gaúcho, dissolvendo-se os motivos econômicos e as diferenças entre as classes, existentes no conflito. A configuração dos heróis não era ainda a do gaúcho estilizado e 'glamourizado', mas o vetor encomiástico já se fazia presente. Compreende-se a apologia em função do surgimento nas cidades, em especial Porto Alegre, de jovens 'ilustrados'- oriundos dos setores intermediários - que iriam usar as 'belas letras' como alavanca para sua escalada. Repetia-se um fenômeno de extensão nacional: o processo de mobilidade social dessa intelligentsia de origem bastarda condicionava-se à intimidade que pudesse ter com os detentores do poder. Articulava-se uma troca: ascensão, prestígio ou simples reconhecimento cambiados por subideólogos, aptos a oferecer fórmulas (amenas à oligarquia) de representação da realidade, e por artistas, capazes de pôr em prosa e verso as qualidades varonis dessa mesma oligarquia” (Gonzaga, 1980, pp. 125-126).

Embora os literatos do Partenon tenham exaltado a temática gaúcha, só em 1898 surgiu a primeira agremiação tradicionalista, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, voltado para a promoção de festas, desfiles de cavalariáns, palestras e outras atividades ligadas ao culto das tradições. A fundação da entidade foi obra de João Cezimbra Jacques, republicano, positivista, homem de origens modestas que lutara como voluntário na Guerra do Paraguai e recebera a patente de major do Exército. Segundo ele, o Grêmio tinha como objetivo

“organizar o quadro das comemorações dos acontecimentos grandiosos de nossa terra (...) Pensamos que esta patriótica agremiação não é destinada a manter na sociedade moderna usos e costumes que estão abolidos pela nossa evolução natural e que a época em a qual vivemos não comporta mais, e nem é tampouco ela -uma associação, tendo por fim trazer para objeto de suas práticas jogos e elementos recreativos do tempo corrente e importados do estrangeiro. Nem uma coisa nem outra. Mas é ela, sim, uma associação destinada a manter o cunho de nosso glorioso Estado e conseqüentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares dos acontecimentos que tornaram o sul-rio-grandense um povo célebre diante, não só de nossa nacionalidade, como do estrangeiro; por meio de solenidades ou festas que não excluem os usos e costumes, os jogos ou diversões do tempo presente; porém, figurando nelas, tanto quanto possível, os bons usos e costumes, os jogos e diversões do passado; por meio de solenidades que não só lembrem e elogiem o acontecimento notável a comemorar, pelo verbo ou pelo discurso, como por meio de representação de atos, tais como canções populares, danças, exercícios e mais práticas dignas, em que os executores se apresentem com o traje e utensílios portáteis, tais como os de usos gauchescos” (Jacques, 1979, pp. 56 e 58).

Além de enfatizar o culto às tradições, a citação trata de questões que, na época, despontavam: a existência de costumes superados por “nossa evolução natural”, a problemática das práticas trazidas “do estrangeiro”, a existência de “bons” usos e costumes etc. Em outros termos, as mesmas questões seriam recolocadas mais tarde.

Havia dois aspectos comuns ao Partenon Literário e ao Grêmio Gaúcho. O primeiro: ambos eram formados por pessoas de origens modestas, não detentoras de terras ou de capital. Como ocorreu em outras partes do Brasil e do mundo, a atividade intelectual era, ao lado das carreiras militar e política, uma das poucas formas de ascensão disponíveis a pessoas oriundas das camadas depossuídas e desejosas de ingressar na esfera do poder. As condições econômicas, sociais e políticas ainda não permitiam que se formasse uma camada de intelectuais dotada de relativa autonomia.

O segundo aspecto era a preocupação com a questão da tradição e da modernidade, presente em ambas as entidades, embora sob formas diferentes. Ao mesmo tempo em que tinha como modelo o que considerava mais avançado da Europa culta, o Partenon evocava a figura tradicional do gaúcho e louvava seus abalados valores. O Grêmio Gaúcho, nas palavras de seu fundador, procurava manter as tradições, mas sem excluir os costumes do presente. Nos dois casos, um mesmo pano de fundo: um estado em transformação, no qual a tensão entre passado e presente começava a se fazer sentir.

No ano de criação do Grêmio Gaúcho, o líder republicano e positivista Borges de Medeiros assumiu pela primeira vez a presidência do Rio Grande do Sul, iniciando um domínio sobre a-política local que duraria trinta anos. A Proclamação da República levava ao poder o Partido Republicano Rio-Grandense, no qual era pequena a influência da oligarquia pecuária da Campanha. O novo grupo dominante, embora também pertencente à elite econômica, provinha do Norte do estado e era formado por jovens que haviam estudado em universidades do Centro do país. Positivistas, dotados de um projeto modernizador e autoritário, consideravam o despotismo esclarecido como a melhor estratégia para organizar a sociedade local. Auguste Comte era favorável à existência de “pequenas pátrias” com não mais do que três milhões de habitantes (na época da Proclamação da República, o Rio Grande do Sul tinha aproximadamente um milhão). Como, naquele momento, as províncias não tinham condições de se tomar independentes, os positivistas brasileiros, interpretando a idéia de Comte, defendiam a adoção de um federalismo radical. Para Júlio de Castilhos, fundador e ideólogo do Partido Republicano Rio-Grandense, isso implicava “o não-reconhecimento de uma única nação brasileira, mas de várias nações brasileiras provisoriamente organizadas sob uma federação; a independência de cada estado para organizar-se de forma republicana sem nenhuma limitação por parte da Constituição Federal” (Pinto, 1986, p. 36).

Coerente com a idéia positivista de que o progresso só poderia ser alcançado se a ordem fosse mantida, o lema de Júlio de Castilhos era “conservar melhorando”. Pouco antes da Proclamação da República, ele defendeu em *A Federação*, jornal de seu partido, que o 20 de setembro (data de eclosão da Revolução Farroupilha de 1835-1845) fosse adotado como Dia do Gaúcho: “A comemoração do 20 de setembro tem, pois, este sentimento, significando que o passado é a fonte em que o presente se inspira para delinear o futuro”. Com o advento da República, e a ascensão de seu partido ao poder no Rio Grande, Castilhos elaborou uma constituição estadual de forte inspiração positivista, que definia como “insígnias oficiais do estado as do pavilhão tricolor da malograda República Rio-Grandense”.

Nas Américas, assim como na Europa, a associação entre passado e presente foi uma constante em projetos modernizadores ligados à criação de estados nacionais ou à organização da sociedade. Se a nação é “uma comunidade de sentimento que normalmente tende a produzir um Estado próprio” (Weber, 1982, p. 207), antigas tradições reais ou inventadas - precisam ser invocadas para dar fundamento ‘natural’ às identidades em vias de criação, obscurecendo-se assim o caráter artificial e recente dos Estados nacionais. Essa dialética entre velho e novo, passado e presente, tradição e modernidade, foi uma constante nos processos que estamos analisando no Rio Grande do Sul.

A fundação do Grêmio Gaúcho foi seguida pela criação de mais cinco entidades, consideradas pioneiras pelos tradicionalistas (1) União Gaúcha de Pelotas (fundada em 1899 por Simões Lopes Neto, grande escritor regionalista), Centro Gaúcho de Bagé (1899), Grêmio Gaúcho de Santa Maria (1901), Sociedade Gaúcha Lombagrandense (fundada em 1938 em área de colonização alemã) e Clube Farroupilha de Ijuí (fundado em 1943 em área de colonização alemã e italiana).

### **O surgimento de centros tradicionais no pós-guerra**

Em 1948 surgiu em Porto Alegre o 35 CTG, primeiro centro de tradições gaúchas, cujo nome evocava a Revolução Farroupilha deflagrada em 1835. Fundado principalmente por estudantes secundários oriundos das áreas pastorais, onde se praticava a pecuária em grandes latifúndios, ele serviu de modelo a centenas de centros semelhantes, que se espalharam pelo Rio Grande do Sul e por outros estados.

Um ano antes de criarem o ‘35’, os mesmos jovens haviam fundado o departamento de tradições gaúchas do grêmio estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, na época considerado colégio-padrão. Entre 7 e 20 de setembro de 1947, organizaram a primeira Ronda Gaúcha, que deu origem à atual Semana Farroupilha. À meia-noite de 7 de setembro, antes da extinção do fogo simbólico da Pira da Pátria, tomaram ali uma centelha que, transportada para o saguão do colégio, serviu para acender a ‘Chama Crioula’ (no Rio Grande do Sul, usa-se a expressão *crioulo* para designar o que é nativo, original e puro, ou seja, natural do próprio estado).

No mesmo ano, a Liga de Defesa Nacional incluiu nos festejos da Semana da Pátria o traslado dos restos mortais do general David Canabarro, segunda maior liderança da Revolução Farroupilha, de Santana do Livramento (onde ele fora estancieiro) para o panteão do cemitério da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Porto Alegre. Montados em cavalos cedidos pela Brigada Militar, oito desses jovens organizaram uma guarda de honra que acompanhou o trajeto dos restos do herói farroupilha. Esse episódio aparece, em vários depoimentos de tradicionalistas, como um ritual de passagem fundamental e como mito de criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Barbosa Lessa, um dos fundadores do movimento, conta que, vindo a Porto Alegre para estudar, quis visitar o monumento com a estátua equestre de Bento Gonçalves, o maior herói farroupilha, alvo de sua admiração:

*“Fiz umas cinco perguntas ou seis. Para minha surpresa, ninguém sabia onde é que ficava o monumento. Até que me disseram: ‘Ah, fica na avenida João Pessoa’. Era perto de onde eu estudava. Fui ao monumento - isto foi em 1945 - e encontrei o monumento muito abandonado. Então eu disse ao Bento Gonçalves, num diálogo com ele: ‘Velho, tu estás muito abandonado, muito esquecido, mas eu prometo que ainda vou fazer tu seres recordado. No dia 20 de setembro muita gente vai desfilar aqui para te homenagear.’” (2)*

Mais adiante, o mesmo Barbosa Lessa relata que, dois anos mais tarde, em 5 de setembro de 1947,

*“estava em casa, pela manhã, lendo o jornal, e vi que chegavam restos mortais de David Canabarro. Então, eu saí correndo. Ainda dava tempo de chegar d solenidade, ali na praça da Alfândega, aplaudir aquela solenidade da chegada dos restos mortais do David Canabarro. E, para minha surpresa, vi alguns rapazes da minha idade, a cavalo, vestidos d gaúcha, fazendo parte da solenidade da Liga de Defesa Nacional, discurso e tal. Quando aquele grupo se dispersou, corri atrás do grupo e perguntei para aquele que me pareceu o chefe daquela turma, um cara muito magro, bigodudo: ‘Quem são vocês? Como é que eu posso me entrosar com vocês?’ E aí disse o cara: ‘Tu podes me procurar. Eu estudo no Júlio de Castilhos’. Eu disse: ‘Pô, eu também estudo láW. ‘Mas eu estudo d noite’, disse ele. ‘Eu também estudo d noite. Como é teu nome?’” Paixão [CortesJ]. ‘Eu, Lessa’.”(3)*

Entrevistas realizadas com alguns desses fundadores, que continuam a ser figuras proeminentes no Movimento Tradicionalista Gaúcho, revelam que a maioria deles era, formada por descendentes de pequenos proprietários rurais de área pastoris onde predominava o ‘latifúndio, ou de estancieiros em processo de descenso social. Sua presença na capital estava ligada aos estudos. Embora cultuassem valores ligados ao latifúndio, eles não pertenciam à oligarquia rural. Além disso, o movimento buscava recuperar valores rurais do passado, mas sua base estava, desde a origem, na cidade. Como observa um de seus intelectuais, ex-patrão (depois veremos o sentido do termo) do 35 CTG:

*“(…) há, queiramos ou não, uma aura de saudade envolvendo o tradicionalismo. Ninguém sente saudade do que está perto. A saudade - e o Tradicionalismo - exigem distanciamento, tanto que este é um fenômeno tipicamente citadino, não do campo, urbano e não rural” (Fagundes, 1987, p. 13).*

A capital era, ao mesmo tempo, ameaça e desafio. Nela, esses jovens moravam em casas de parentes, trabalhavam durante o dia e estudavam à noite. Na descrição de um deles:

*“Porto Alegre nos fascinava, com seus anúncios luminosos a gás neon. Hollywood nos estonteava com a tecnolorida beleza de Gene Tierney e as aventuras de Tyrone Power, as lojas de discos punham em nossos ouvidos as irresistíveis harmonias de Harry James e Tommie Dorsey, mas, no fundo, preferíamos a segurança que somente nosso pago sabia proporcionar, na solidariedade dos amigos, na alegria de encilhar um pingo e no singelo convívio das rodas de galpão. Não nos conhecíamos uns aos outros, mas devíamos andar nos pechando pelos labirintos da capital. Nunca tínhamos ouvido falar nas anteriores experiências nativistas - dos anos 60, dos anos 90 e dos anos 20 - e precisávamos escolher nosso rumo por nós mesmos. Quando O existencialismo de Jean-Paul Sartre pôs diante de nós o derrotismo e a descrença, instintivamente nos agarramos a nossos rudes antepassados para uma afirmação de vitória e fé. Por essa época, o Rio Grande andava bastante esquecido de si mesmo, e a própria bandeira estadual permanecia queimada e escondida desde novembro de 1937. Resquícios do Estado Novo e de seu sufoco centralizador” (Barbosa Lessa, 1985, pp. 56-57).*

O depoimento é valioso. Aparece nele, em primeiro lugar, o elemento cidade. Para os padrões atuais, a Porto Alegre dos anos 40 era pequena e pacata, mas experimentava rápido crescimento: sua população aumentou em 45% entre 1940 e 1950, passando de 272 mil para 394 mil habitantes. Já era vista como metrópole, cheia de labirintos e de símbolos de progresso, como os anúncios de neon. Em segundo lugar, aparece o grande impacto da indústria cultural norte-americana, com seus discos e filmes e os ídolos a eles associados. Finalmente, filosofias céticas oriundas da Europa freqüentavam o ambiente, questionando o sentido da vida e do mundo. Tudo isso era fascinante e ameaçador, despertando nesses jovens interioranos a vontade de buscar no campo e no passado um refúgio seguro e claro. Duas ameaças havia contra esses valores: a invasão cultural dos Estados Unidos (Moura, 1984), especialmente marcante no período da Segunda Guerra Mundial (Disney, Hollywood, Coca Cola etc.), e o centralismo econômico, político e cultural imposto pelo Estado Novo (1937-1945).

Em 24 de abril de 1948 um grupo de 24 jovens, estudantes do Colégio Estadual Júlio de Castilhos e ex-escoteiros - estes um pouco mais velhos, trabalhando como comerciários -, criaram o 35 CTG. Nas discussões preliminares surgiu a proposta de fazer da associação uma espécie de academia tradicionalista, restrita a 35 membros, mas prevaleceu a idéia de abri-la a todos os que desejassem integrá-la. Os jovens - todos homens - passaram a se reunir nas tardes de sábado num galpão (4) improvisado, na casa do pai de um deles. Tomavam mate e imitavam os hábitos do interior, entre eles o da *charla* que os peões costumam manter nos galpões das estâncias.

*“Nos reuníamos em torno de um fogo de chão lá na rua Duque de Caxias para contar causos. Eram só rapazes. Moças não pertenciam ao grupo, como habitualmente no galpão são só homens que... Cultuávamos aqui, no nosso encontro, como se estivéssemos na Campanha, tomando chimarrão, vez em quando até uma ca çacinha aparecia, cada um entrava com umas moedas, contribuía aqui e ali para comprara erva, os gastos eram mínimos. Não se tinha muita pretensão de revolucionar o mundo, embora nós não concordássemos com aquele tipo de civilização que nos era imposto de todas as formas (...) não pretendíamos escrever sobre o gaúcho ou sobre o galpão: desde o primeiro momento, encarnamos em nós mesmos afigura do gaúcho, vestindo e falando d moda galponeira, e nos sentíamos donos do mundo quando nos reuníamos, sábado d tarde, em torno do fogo-de-chão.”(5)*

Queriam constituir um grupo que revivesse a tradição, e não uma entidade que refletisse sobre ela. Era, portanto, necessário recriar o que imaginavam ser os costumes do campo e o ambiente das estâncias. Por isso, a estrutura interna do 35 CTG não reproduziu o tradicional vocabulário das associações (presidente, vice, secretário, tesoureiro, diretor etc.), mas adotou os nomes usados na administração dos estabelecimentos pastoris (patrão, capataz, sota-capataz, agregado, posteiro etc.). No lugar de conselhos deliberativo e consultivo, criou-se o Conselho dos Vaqueanos; em vez de departamentos, internadas. As atividades culturais, cívicas ou campeiras também receberam nomes ligados aos usos e costumes das estâncias gaúchas, como rondas, rodeios e tropeadas (Mariane, 1976, p. 11).

Os estatutos do 35 CTG afirmavam: “O Centro terá por finalidade: a) zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes etc., e conseqüente divulgação pelos estados irmãos e países vizinhos; b) pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul; c) fomentar a criação de núcleos regionalistas no estado, dando-lhes todo apoio possível. O Centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa” (Barbosa Lessa, 1985, p. 64).

A origem social dos aderentes surpreendeu os fundadores, que, como vimos, haviam optado por abrir o Centro a todos os segmentos:

*“À medida que já íamos nos primeiros dias que o movimento foi se ampliando numericamente pra gurizada que estudava, os rapazes de melhor posição sócio-econômica, os filhos de fazendeiros ou já fazendeiros, foram se afastando do movimento. Ficou um movimento de pés-rapados, porque (...) esses jovens mais ricos não queriam se misturar com o povão. Então, víamos aqueles que mais poderiam caos ajudar, por ter condições de trazer um cavalo, de contribuir para uma sede, eles foram saindo e nós, os que sobrevivíamos com nosso pequeno salário e ainda tendo que pagar estudo e tudo o mais, tínhamos que fazer correr na roda, cada um trazendo algo, que se não me engano foi o Glaucus que chamou de guampa de apoio. Era um guampa, copo de chifre, onde percorria na volta e cada um dava as moedinhas que dispunha para comprar chimarrão, a erva etc: (6)*

Embora não contasse com a adesão dos filhos de fazendeiros, nem encontrasse muita receptividade na capital, o ‘35’ se mudou para a sede da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul (Farsul, hoje Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul), órgão representativo dos fazendeiros gaúchos:

*“Não é que Porto Alegre tenha nos recebido mal. Afinal, éramos jovens, simpáticos, alegres, comunicativos, trabalhadores e bons estudantes, e não havia motivo para a capital nos ter antipatia. Mas era uma cidade muito cônica de sua responsabilidade como retransmissora da cultura cosmopolita e consumista e não tinha tempo a perder com nossas charlas e declamações. Quando muito, sorria condescendentemente para nossos desfiles conduzindo a Chama Crioula no dia 20 de setembro, ocasião em que nos revitalizávamos ante a verificação de que não éramos meia dúzia de gatos-pingados, e sim uma dúzia. Duas dúzias talvez” (Barbosa Lessa, 1985, p. 75).*

A liderança tradicionalista se queixa constantemente da rejeição que sofreu por parte da capital e das elites gaúchas. Ressentida, ela considera que o sucesso de seu movimento não foi reconhecido e que o tradicionalismo continua sendo visto como “coisa de grosso”.

### **Os centros de tradição na área de colonização alemã**

Os tradicionalistas ficaram intrigados com o fato de que o primeiro CTG surgido depois do ‘35’ - o Fogão Gaúcho - foi fundado, em 7 de agosto de 1948, em Taquara, cidade localizada em área de colonização alemã.

*“Nós procurávamos divulgar, o objetivo desde os estatutos era divulgar as nossas tradições nos países vizinhos e nos estados irmãos, nós tínhamos um sentido de expansão através dos outros estados. E o primeiro CTG, a primeira resposta, veio de Taquara, da região colonial alemã, que nos perturbou todos os nossos objetivos. Nós achávamos que viria eventualmente da Campanha e veio da região colonial alemã. (7)*

Como vimos, os fundadores do ‘35’ era jovens estudantes interioranos, descendentes de pequenos proprietários rurais da área de latifúndio. Praticamente todos tinham sobrenomes de origem portuguesa. (8) Os fundadores do CTG Fogão Gaúcho, ao contrário, eram adultos, boa parte com ascendência alemã. À semelhança do que pode ter ocorrido com os dois CTGs pioneiros, criados em área de colonização alemã durante a Segunda Guerra Mundial, os fundadores do Fogão Gaúcho pretendiam afirmar sua brasilidade e sua ‘gauchidade’. Isso transparece em entrevistas que concederam. Alguns participantes da roda de chimarrão tinham necessidade

*“de se afirmar, perante a sociedade taquarense, como gaúchos e não como ‘estrangeiros’. Porque muitos deles, sendo de origem alemã, ainda sentiam as influências negativas da perseguição sofrida durante a Segunda Guerra Mundial, como suspeitos de pertencerem à ‘quinta-coluna’ (...) Possivelmente não era esta a intenção da maioria daqueles que se associaram ao CTG, após a sua fundação, mas certamente alguns dos novos sócios tinham estas intenções” (Jacobus, 1985, pp. 2-3).*

O surgimento de entidades tradicionalistas fora da área pastoril de colonização portuguesa do Rio Grande do Sul - mais especificamente, em áreas de colonização alemã e italiana - coloca uma questão importante: a hegemonia da cultura gaúcha, no sentido pampeano (9), num estado que sofreu as mais variadas influências culturais. Não se trata de fenômeno restrito à área dos latifúndios de pecuária, onde o modelo teve origem. Essa hegemonia atinge as áreas de minifúndio colonizadas por alemães e italianos, onde nunca existiu semelhante complexo pastoril. A figura do gaúcho, com suas expressões campeiras, envolvendo o cavalo, a bombacha, o chimarrão e a representação de um tipo social livre e bravo, serviu de modelo para grupos étnicos diferentes, unindo os habitantes do estado em contraposição ao resto do país.

Teixeira observa que, no Rio Grande do Sul, o termo ‘colono’ tem origem histórica bem definida, associada ao processo de colonização por imigrantes europeus que praticavam agricultura familiar em pequenas propriedades. Mais do que desvalorizada, essa atividade chegava a ser considerada degradante, diante de uma pecuária que dominava a paisagem do estado desde a colonização portuguesa.

Assim, além de designar os imigrantes e seus descendentes, desde o começo da colonização alemã e italiana o termo colono, “no nível das representações, significava, sobretudo, carência de certos atributos positivamente considerados. Colono remetia à noção de pessoa com carência de ambição, de traquejo social, de elegância, de postura corporal e comportamental, de senso de oportunidade e de progresso, de arrojo, de perspicácia, de sagacidade” (Teixeira, 1988, p. 54).

É expressiva a presença, no Rio Grande do Sul, de empresários e políticos de origem alemã e italiana, a ponto de seis governadores com sobrenomes italianos terem exercido o poder entre 1955 (quando a imigração italiana completou oitenta anos) e 1979. Mas o tipo social representativo continua a ser o gaúcho, idealizado pelos imigrantes e considerado superior (Willems, 1946; Roche, 1969; Azevedo, 1982). Os fazendeiros eram a camada social mais poderosa do estado. Além disso, o principal símbolo do gaúcho era o cavalo, animal que, na Europa, era apanágio e marca de distinção da aristocracia rural. Ao chegarem ao Brasil, uma das primeiras providências dos colonos era adquirir esse tipo de montaria, logo que possível (Willems, 1944; Bastide, 1964). Identificando-se com o gaúcho, eles experimentavam uma forma simbólica de ascensão social. No outro extremo, as figuras do índio e do negro têm uma presença extremamente pálida nessa representação.

## A elaboração da matriz do tradicionalismo

Entre 1948 e 1954 surgiram 35 novos centros de tradição gaúcha, concentrados principalmente nas áreas pastorais, mas distribuídos por praticamente todas as regiões do estado (em Porto Alegre criou-se apenas uma espécie de ‘mini CTG doméstico’). Na época, os tradicionalistas discutiam o rumo que suas entidades deveriam tomar. Existiam duas posições: a mais ‘aristocrática’ defendia maior preocupação com o ‘nível cultural’ (entendido como cultura escolarizada) dos CTGs, de modo a evitar que eles fossem apenas um lugar de entretenimento; a outra valorizava exatamente este aspecto e achava que não devia haver preconceito contra a ‘cultura popular’.

Em 1954, os centros surgidos a partir de 1948 se reuniram pela primeira vez num congresso, realizado em Santa Maria para discutir esta e outras questões. Luiz Carlos Barbosa Lessa, um dos fundadores do 35 CTG, apresentou a tese *O sentido e o valor do Tradicionalismo*, que se tornou a tese-matriz do Movimento Tradicionalista Gaúcho. O autor, à época com 24 anos e recém-formado em direito (profissão que não desejava exercer), se matriculara, em São Paulo, na Escola de Sociologia e Política, onde lecionava o sociólogo norte-americano Donald Pierson, (10) formado pela Universidade de Chicago e autor de *Teoria e pesquisa em sociologia*. Além deste livro, também era adotado *O homem*, publicado em 1936 pelo antropólogo norte-americano Ralph Linton. Ambos os autores estavam preocupados com os efeitos do crescimento da população, as conseqüências da urbanização e as modificações na família e nos grupos locais, problemática recorrente nas ciências sociais da época, fortemente influenciadas pelos trabalhos de Durkheim, escritos na França no século XIX. Barbosa Lessa, que considerava as aulas muito monótonas, teve que voltar ao Rio Grande do Sul alguns meses depois. Quando foi redigir a tese-matriz do tradicionalismo, percebeu como os dois cientistas sociais estavam próximos desse assunto:

*“Nesses dois ou três meses, em 53, me deram a bibliografia básica que eu deveria adquirir, ~na qual figuravam Teoria e pesquisa em sociologia, de Donald Pierson, e O homem, de Ralph Linton. Eu não continuei o curso, mas voltei ao Rio Grande do Sul em fins de 53 com, no mínimo, estes dois livros (...) e fui lá pra fazenda em Piratini e me lembro que foi lá que eu li e anotei estes dois livros. Para mim, foi uma revelação. Como eu estava muito imbuído dos assuntos tradicionalistas, eu fui vendo até que ponto se encaixava naquilo que nós estávamos fazendo. Foi quando eu aprendi o conceito de sociedade, o conceito de cultura, o conceito de tradição, o conceito de visão cultural e por aí a fora. Todos aqueles conceitos básicos. Eu percebi que dava para formar uma coisa boa. Pode parecer que, a partir daí, em 54, eu tenha ao longo da vida me embrenhado em estudos de sociologia, mas confesso com toda a sinceridade que devo ter lido esses dois livros naquela época e mais o Dicionário de sociologia, da Editora Globo, que eventualmente eu consulto. Toda a minha sabedoria em ciências sociais são na parte teórica, esses três livros e não mais do que isso. (11)*

Vê-se acima um bom exemplo de como o saber produzido por acadêmicos se torna senso comum. Embora não o saiba, o Movimento Tradicionalista Gaúcho é um dos maiores difusores das idéias das ciências sociais norte-americanas da década de 1940.

A tese-matriz do tradicionalismo começa enfatizando a importância da cultura, transmitida pela tradição, para que uma sociedade funcione como uma unidade. Todo o problema residiria no fato de que isso não estaria ocorrendo de forma satisfatória, já que, para Barbosa Lessa, “a cultura e a sociedade ocidental estão sofrendo um assustador processo de desintegração”, especialmente nítido “nos centros urbanos (...), através das estatísticas sempre crescentes de crime, divórcio, suicídio, adultério, delinqüência juvenil e outros índices de desintegração social” (Barbosa Lessa, 1979; p. 5). Dois fatores principais causariam essa desintegração: o enfraquecimento do núcleo das culturas locais e o desaparecimento gradativo da capacidade de transmissão de cultura por parte dos “grupos locais”.

Não é difícil perceber-se, no texto, a influência do pensamento social do século passado e do começo deste. As conseqüências do processo de urbanização são elaboradas indiretamente através daqueles que o autor denomina “mestres da moderna sociologia” e que podem ser caracterizados como membros da escola sociológica de Chicago. Embora o termo não apareça, descreve-se o fenômeno da anomia, enunciado por Durkheim e aplicado ao aumento populacional e à divisão social do trabalho. A ênfase na temática da desagregação, que seria acelerada pela cidade, lembra as teorias dicotômicas, ou de contraste, principalmente a teoria do *continuum folk* urbano, do antropólogo norte-americano Robert Redfield, que considerava a desorganização da cultura, a secularização e o individualismo como conseqüências da urbanização. A vida nas cidades enfraqueceria ou destruiria os firmes laços que, segundo ele, integravam os homens em uma sociedade rural, criando uma cultura urbana caracterizada pela fragmentação de papéis sociais e por comportamentos mais seculares e individualistas. A homogeneidade da sociedade rural, dotada de estrutura monolítica e sem ambigüidades, seria substituída nas cidades por uma estrutura social marcada pela diversidade de papéis, ações e significados. No campo, os elementos culturais seriam definidos; nas cidades, fragmentados. A cultura urbana traria então, inevitavelmente, conflito e desorganização (Oliven, 1988).

Como esse tipo de teoria, tão em voga na época, foi aplicada à realidade do Rio Grande do Sul? É interessante ver como a crise social encontra uma ‘solução’ no Tradicionalismo, já que este

*“visa precisamente combater os dois reconhecidos fatores de desintegração social. O fundamento científico deste movimento encontra-se na seguinte afirmação sociológica: ‘Qualquer sociedade poderá evitar a dissolução, enquanto for capaz de manter a integridade de seu núcleo cultural. Desajustamentos nesse núcleo produzem conflitos entre os indivíduos que compõem a sociedade, pois estes vêm a preferir valores diferentes, resultando então a perda de unidade psicológica essencial ao funcionamento eficiente de qualquer sociedade.’ Através da atividade recreativa ou esportiva que o caracteriza - sempre realçando os motivos tradicionais do Rio Grande do Sul - o Tradicionalismo procura, mais que tudo, reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, tendo em vista o indivíduo que tateia sem rumo e sem apoio dentro do caos de nossa época. E, através dos Centros de Tradições Gaúchas, o Tradicionalismo procura entregar ao indivíduo uma agremiação com as mesmas características do ‘grupo local’ que ele perdeu ou teme perder: o ‘pago’. Mais que o seu pago, o pago também das gerações que o precederam.” (Barbosa Lessa, 1979, pp. 7-8)*

A tese-matriz tomou posição na polêmica entre os que defendiam a “qualificação cultural” e os partidários da “massificação popular”:

“O Tradicionalismo deve ser um movimento nitidamente popular, não simplesmente intelectual. É verdade que o Tradicionalismo continuará sendo compreendido, em sua finalidade última, apenas por uma minoria intelectual. Mas, para vencer, é fundamental que seja entendido e desenvolvido no próprio seio das camadas populares, isto é, nas canchas de carreiras, nos auditórios, nas radio-emissoras, nos festivais e bailes populares, nas ‘Festas do Divino’ e de ‘Navegantes’ etc. Para alcançar seus fins, o Tradicionalismo serve-se do Folclore, da Sociologia, da Arte, da Literatura, do Teatro etc. Tudo isto constitui meios para que o Tradicionalismo alcance seus fins. Não se deve confundir o Tradicionalismo, que é um movimento, com o Folclore, a História, a Sociologia etc., que são ciências. Não se deve confundir o folclorista, por exemplo, com o tradicionalista; aquele é o estudioso de uma ciência, este é o soldado de um movimento. Os tradicionalistas não precisam tratar cientificamente o folclore; estarão agindo eficientemente se servirem dos estudos dos folcloristas, como base de ação, e assim reafirmarem as vivências folclóricas no próprio seio do povo” (Barbosa Lessa, 1979, p. 8).

A opção feita pela tendência ‘popular’ implica a existência de divisão entre camadas populares e elite intelectual. Sintomaticamente, os membros deste último grupo são comparados a soldados, que têm como missão formular os princípios e entender o sentido do Tradicionalismo, levando-o às camadas populares, incapazes de compreender a ‘finalidade última’ do movimento, mas necessárias para que este seja forte e vitorioso. Considerados meios para que se alcancem os fins do Tradicionalismo, ciências e saberes são enquadrados em uma visão instrumental. Apesar disso, a liderança tradicionalista obviamente constitui um grupo de intelectuais, com razoável produção escrita. De certo modo, podem ser vistos como intelectuais medianos, que não possuem instâncias de consagração (no sentido dado por Bourdieu) de sua produção, como ocorre com os intelectuais ligados a universidades ou academias. Entrevistas realizadas com alguns membros dessa elite mostram que eles tentam afirmar-se como intelectuais no Rio Grande do Sul, mas enfrentam desconfiança dentro do seu próprio movimento:

*“Há várias alas no Tradicionalismo. Duas principais: a ala fisiológica (...) e uma ala cerebral cultural que atualmente está muito defasada, hostilizada pela ala fisiológica. Eles têm mania de chamar o pessoal que estuda de medalhões (...) Nós somos os medalhões do movimento tradicionalista (...) A qualquer momento eles nos requisitam, nos convocam, nos chamam para conferências, mas na hora dos congressos, quando eles vêem que a gente discute certos casos com eles... Como o CTG sobrevive, como o CTG ganha dinheiro, como constrói sua sede, tudo isso eles saberão te dizer, mas não pergunta a eles qualquer coisa de cultura que eles vão dizer bobagens. (12)*

### **Crescimento do gauchismo**

A expansão do Tradicionalismo seguiu uma dinâmica interessante. O movimento teve pouca repercussão em Porto Alegre, mas no interior do estado, e mesmo fora dele, seu crescimento foi impressionante. A partir do I Congresso Tradicionalista realizado em 1954 em Santa Maria, os centros de tradição gaúcha passaram a reunir-se anualmente para ouvir a apresentação de teses, aprovar moções e tomar deliberações. No VII Congresso, realizado em Taquara em 1961, foi aprovada a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista, redigida por Glaucus Saraiva, um dos fundadores do ‘35’ e autor do *Manual do tradicionalista* (Saraiva, 1968), que fornece orientações para os tradicionalistas e os centros de tradições gaúchas.

Durante o XII Congresso, realizado em Tramandaí em 1966, foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que passou a congregar a maior parte das entidades do estado, tomando-se “o catalizador, disciplinador e orientador das atividades dos seus filiados, no que diz respeito ao preconizado na Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho” (Mariante, 1976, p. 13).

O Tradicionalismo conseguiu se expandir também em outras direções. Em 1954, o governo do estado criou o Instituto de Tradições e Folclore, vinculado à Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, transformado vinte anos depois na Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, órgãos normalmente dirigidos por tradicionalistas. Em 1964, uma lei estadual oficializou a Semana Farroupilha (entre 14 e 20 de setembro de cada ano), fazendo com que a Chama Crioula passasse a ser recebida com todas as honras no Palácio Piratini, sede do governo, e se tornassem oficiais os desfiles realizados em 20 de setembro, em quase todas as cidades do estado, pelos centros de tradições gaúchas e a Brigada Militar. Em 1966, outra lei estadual elevou o hino farroupilha à condição de hino do Rio Grande do Sul. No governo Triches (1971-1975), foi montado, no Palácio Piratini, um ‘galpão crioulo’, que procura recriar o ambiente das estâncias e serve para recepcionar visitantes ilustres, com churrasco, carreteiro (13) e apresentações de música e de danças regionais. Nesse mesmo período o estado doou um terreno para que o 35 CTG pudesse construir sua sede própria.

Em 1979 foi criada a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, desmembrando-se a antiga Secretaria de Educação e Cultura. Seu segundo titular foi Luiz Carlos Barbosa Lessa, um dos fundadores do ‘35’, que, defendendo a existência de doze regiões culturais no estado, implantou pólos para interiorizar a cultura gaúcha (Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Governo do Rio Grande do Sul, sal.). As atividades regionalistas passaram a contar com um apoio que não conheciam antes. (14) Em 1988, uma lei estadual instituiu, na disciplina de Estudos Sociais, o ensino do folclore em todas as escolas estaduais de primeiro e segundo graus do Rio Grande do Sul. Em 1989, outra lei oficializou as *pilchas* (conjunto de vestes típicas dos antigos gaúchos, compreendendo a bombacha, botas, lenço e chapéu) como “traje de honra e de uso preferencial” no estado, deixando sua caracterização a cargo “dos ditames e diretrizes do Movimento Tradicionalista Gaúcho”.

O Tradicionalismo também conseguiu irradiar na sociedade civil o culto às tradições gaúchas. Criaram-se a Estância da Poesia Crioula, uma espécie de academia de letras para escritores de temas gauchescos, e a missa crioula, com uma liturgia inspirada na mesma temática, na qual Deus é chamado “patrão celestial”, a Virgem Maria é a “primeira prenda do Céu” e São Pedro aparece como “capataz de estância”. O casamento crioulo, realizado com noivos vestidos de acordo com a tradição, também se tomou bastante comum no estado. Em várias cidades do interior, rodeios festivos passaram a reviver as lides campeiras das estâncias, e o Movimento Tradicionalista Gaúcho instituiu um concurso anual para escolher a ‘primeira prenda’ do Rio Grande do Sul. Em 1971, em Uruguaiana, cidade localizada na área da Campanha, o CTG Sinuelo do Pago criou a Califórnia

da Canção Nativa, primeiro festival de música nativista do estado. Realizado anualmente, ele serviu de modelo para os cerca de quarenta festivais existentes hoje nas mais diversas regiões. Esses eventos costumam reunir milhares de jovens que, geralmente acampados, evocam as músicas e o ambiente da vida campeira, bem como os símbolos da identidade regional (Araújo, 1987). (15)

O crescente interesse pelas coisas gaúchas ajuda a explicar o consumo de produtos culturais voltados para essa temática. Uma emissora FM da Grande Porto Alegre se define como uma “rádio de bombachas” e só toca músicas nativistas, tendo sido premiada, em 1989, com o título de Veículo de Comunicação do Ano, concedido pela Associação Rio-Grandense de Propaganda. Além dela, outros programas de rádio e de televisão, colunas em jornais, revistas e publicações especializadas, livros, editoras, livrarias, feiras de livros e a própria publicidade fazem referência direta aos valores gaúchos (Jacks, 1987). O mesmo ocorre com bailões (Maciel, 1984), conjuntos musicais, cantores, discos, restaurantes típicos (com *shows* de músicas e danças gaúchas), lojas de roupas etc. Trata-se de um mercado de bens materiais e simbólicos de dimensões nada desprezíveis, que movimentam grande número de pessoas e recursos e que, pelo visto, está em expansão.

O consumo de produtos culturais gaúchos não é novidade, mas era bem menor e estava mais concentrado no campo ou em camadas populares (urbanas e suburbanas) de origem rural. A novidade são os jovens das cidades, em boa parte de classe média, que há pouco tempo começaram a tomar chimarrão, vestir bombachas e ouvir música gaúcha - hábitos que perderam o estigma da grossura. O novo mercado está concentrado em cidades, onde vivem cerca de 75% da população do estado, e atinge grande número de pessoas sem vivências rurais. (16)

### **A disseminação do movimento**

Embora o MTG não consiga controlar todas as expressões culturais gaúchas (Oliven, 1984), nota-se claro crescimento do número de adeptos e da influência do Tradicionalismo, que é considerado hoje por seus líderes como “o maior movimento de cultura popular do mundo ocidental”, contando com “uma participação direta de dois milhões de pessoas” (Barbosa Lessa, 1985, p. 98). Os dados sobre os centros de tradições gaúchas são bastante precários e exigem cuidado. Em 1976, um historiador do tradicionalismo afirmou que “apenas decorridas três décadas, foram criadas cerca de seiscentas entidades nativistas, das quais quase quatro centenas encontram-se em atividade e fazem do tradicionalismo sua razão de ser” (Mariante, 1976, p. 12). Três anos depois, o mesmo número de CTGs ativos foi apontado na introdução à reedição de *O sentido e o valor do Tradicionalismo* (Barbosa Lessa, 1979, p. 4). Mas, a partir de certo momento, cresceu e passou a variar muito, sem correspondência com a realidade, o número de CTGs divulgado, sobretudo, pela imprensa local. Uma reportagem publicada pelo jornal *Zero Hora* em 22 de junho de 1986 fazia referência a mil CTGs no estado; outra, do mesmo jornal, edição de 4 de maio de 1989, falava em “quase 1.500”. Os dados do próprio Movimento Tradicionalista Gaúcho; datados de 1987, assinalavam um total de 886 entidades, incluindo CTGs, piquetes, grupos folclóricos, associações, grêmios e outras. Em 24 de junho de 1988, o *Diário do Sul* publicou depoimento em que o vice-presidente do MTG afirmava a existência de 1.196 CTGs filiados. Mas, segundo um integrante do movimento, este número incluía todas as entidades tradicionalistas existentes no estado.

A criação de um CTG é relativamente simples e freqüentemente se dá em função de disputas internas, o que ajuda a explicar o grande número de entidades em cidades pequenas. Nas palavras de um ex-patrão de CTG:

*“O cidadão frustrado na vida comunitária, aquele que não pode ascender socialmente numa sociedade ou no Rotary, ou no Lions, ou na maçonaria, entra facilmente para o CM. Resolve fundar um CTG e funda com a maior facilidade. E se torna um líder. Aparece aí na imprensa, é entrevistado, ganha uma relevância comunitária que explica a extrema abundância de CTGs no estado (...) No momento em que ele é derrotado por uma facção adversária no CTG, ele não se conforma com a derrota (...) simplesmente isto por cissiparidade, ele funda (...) outro CTG. (17)*

Como o fazem os membros do MTG, cabe diferenciar entre CTGs (entidades mais completas) e piquetes (entidades parciais, cujo nome evoca os pequenos poteiros, ao lados das casas, onde são colocados para pastar os animais utilizados no cotidiano). Um CTG funciona como uma espécie de clube (em diversas localidades, é de fato o único clube existente), compreendendo diversos departamentos (as, invernadas, nome que evoca as grandes extensões de terra cercada que, nas estâncias, se destinam à engorda do gado). Um CTG se caracteriza pelas várias atividades que executa, nas áreas social (festas, fandangos), cultural (música, declamações), campeira (rodeios, gineteadas) e outras, tendo uma sede que funciona como centro de entretenimento e lazer. Os piquetes deveriam ser um desses departamentos de CTG, pois não precisam ter sede e seus integrantes, menos numerosos, se dedicam somente às atividades campeiras, deixando de lado as demais. Idealmente, cada piquete deveria ser filiado a um CTG, mas isso não ocorre na prática. Foi uma situação que fugia do controle do MTG: o grande número de piquetes forçou seu registro como entidades autônomas.

Atribui-se a origem dos piquetes a divergências entre grupos de um mesmo CTG que, descontentes, resolvem criar seus próprios departamentos campeiros (18), que, sem necessidade de sede ou de grande número de membros, se multiplicaram. Essa expansão pode indicar também que as atividades campeiras vêm conquistando mais preferência entre os tradicionalistas.

Apesar da discrepância de dados, possivelmente exagerados, houve um crescimento muito acentuado de entidades tradicionalistas nos últimos anos. Vale a pena examinar sua distribuição pelo estado. O movimento divide o Rio Grande do Sul em 27 ‘regiões tradicionalistas’, cujos critérios de constituição - em princípio, geográficos - são considerados variáveis pelos próprios integrantes do movimento, que admitem a existência de outras injunções. Nas palavras de um dos seus membros,

*“no início era devido d localização geográfica e há até certo tempo as regiões tradicionalistas correspondiam às regiões educacionais do estado (...) Mas hoje a gente sabe que a questão política está sempre por trás...”*

Não trabalharemos com as 27 regiões tradicionalistas propostas pelo MTG, mas com as doze Regiões Culturais (ou pólos culturais), desenhadas pelo então secretário de Cultura, Desporto e Turismo, Barbosa Lessa, com o objetivo fazer um

mapeamento cultural do estado. Além do aspecto geográfico, essa divisão leva em consideração, entre outras, características históricas, étnicas e culturais das regiões, assim discriminadas: Litoral Norte, Missões, Campos de Cima da Serra, Litoral Sul, Central, Sul, Campanha, Colonial dos Vales, Colonial da Serra, Planalto, Alto Uruguai e Metropolitana.

Confrontando-se os dados de 1987 sobre entidades tradicionalistas, obtidos junto ao MTG, e os dados sobre população do mesmo ano preparados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pode-se elaborar uma tabela:

## **Distribuição das entidades tradicionalistas pelas regiões culturais do Rio Grande do Sul**

<b>Região</b>	<b>CTGs</b>	<b>Outras</b>	<b>Total</b>	<b>Habit.</b>	<b>Habit/ CTG</b>	<b>Habit/ Total</b>
Litoral Norte	23	26	49	174.969	7.607	3.570
Missões	26	10	36	373.134	14.351	10.365
Campos da Serra	21	37	58	157.556	7.503	2.716
Litoral Sul	12	1	13	218.855	18.238	16.835
Central	77	61	138	644.719	8.373	4.672
Sul	34	18	52	516.062	15.178	9.924
Campanha	62	28	90	607.909	9.805	6.755
Colonial dos Vales	63	17	80	1.161.610	18.438	14.520
Colonial da Serra	41	30	71	560.697	13.676	7.897
Planalto	53	84	137	729.536	13.765	5.325
Alto Uruguai	71	11	82	871.182	12.270	10.624



<b>Metropolitana</b>	<b>59</b>	<b>21</b>	<b>80</b>	<b>2.124.549</b>	<b>36.009</b>	<b>26.557</b>
<b>Total</b>	<b>542</b>	<b>344</b>	<b>886</b>	<b>8.140.778</b>	<b>15.020</b>	<b>9.188</b>

As regiões que apresentam a maior proporção de entidades em relação à população são, pela ordem, Campos de Cima da Serra, Litoral Norte e Central, que também apresentam maior presença de piquetes (em Campos de Cima da Serra eles são mais numerosos que os CTGs). Trata-se de regiões formadas por uma maioria de municípios pequenos, com quatro a vinte mil habitantes, onde se encontram algumas cidades de médio porte (Vacaria, Cachoeira do Sul e Santa Maria). Além disso, são relativamente próximas a Porto Alegre, no contexto do estado. Esses dados colocam em dúvida a idéia corrente de que o Tradicionalismo seja mais forte nas regiões de fronteira. Mas se pode contra-argumentar que, nestas últimas, a vida campeira tem maior presença no cotidiano e não precisa ser recriada em entidades específicas.

Com menor proporção de entidades em relação à população aparecem, também pela ordem, as regiões Metropolitana, Colonial dos Vales e Litoral Sul. Cada uma tem características específicas, mas há pelo menos um traço em comum: a presença de municípios de médio e grande porte. A Região Metropolitana de Porto Alegre é toda formada por cidades consideradas populosas (a menor delas tem cerca de sessenta mil habitantes); no Litoral Sul, há um município de médio porte, Rio Grande; a Região Colonial dos Vales abriga municípios de grande e médio porte, como Novo Hamburgo, São Leopoldo e Santa Cruz do Sul. Legalmente, os dois primeiros fazem parte da Grande Porto Alegre, mas foram incluídos nessa região cultural por causa da colonização alemã.

Apesar de existirem particularidades, pode-se inferir uma relação inversa - não unívoca - entre a população dos municípios e a presença de entidades tradicionalistas. Diversos fatores podem contribuir para isso, como o menor peso das atividades rurais e a maior diversificação das atividades de lazer e diversão nos municípios maiores e mais urbanizados.

Pode-se argumentar que, além de preservar a identidade regional, o CTG atua como clube, cobrando mensalidades mais baratas que as dos congêneres, como destacam os integrantes do MTG. Assim, possibilita-se a participação de maior número de pessoas. Mas é bom lembrar que, para participar plenamente das atividades de um CTG (fandangos, rodeios, festas campeiras etc.) o sócio precisa ter, no mínimo, um traje típico (botas, bombacha; vestido de prenda etc.). Além disso, os participantes investem elevadas quantias em atividades, como as campeiras, que exigem cavalo, deslocamentos para outros municípios etc.

### **O Tradicionalismo gaúcho em outros estados**

O Tradicionalismo também se expandiu para fora do Rio Grande do Sul, um dos estados de maior emigração do Brasil. Entre 1920 e 1950, o êxodo gaúcho foi de trezentas mil pessoas; nesse último ano, saiu dali o maior contingente de migrantes e chegou ali o menor número deles. Em busca de novas fronteiras agrícolas, essa emigração geralmente se deu do interior do Rio Grande do Sul para o interior de outros estados, principalmente Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso.

## **Número de gaúchos em outros estados do Sul (em mil pessoas)**

<b>Ano</b>	<b>Santa Catarina</b>	<b>Paraná</b>
<b>1940</b>	<b>75</b>	<b>15</b>
<b>1950</b>	<b>120</b>	<b>35</b>
<b>1960</b>	<b>200</b>	<b>160</b>
<b>1970</b>	<b>260</b>	<b>340</b>
<b>1980</b>	<b>300</b>	<b>385</b>

Em 1980, cerca de novecentos mil gaúchos (11,5% do total) moravam fora do Rio Grande do Sul. Mais de cinquenta mil deles estavam estabelecidos em Mato Grosso, indicando uma nova frente de expansão agrícola. Diante dessa expressiva diáspora, não surpreende que em 1987 houvesse 183 CTGs e mais de duzentos piquetes de laços distribuídos por 93 dos 199 municípios de Santa Catarina. De forma significativa, os CTGs pioneiros foram criados em 1959 em São Miguel do Oeste e em 1961 em Lages, áreas para onde se dirigiam muitos migrantes gaúchos.

Em 1962 foi criado o Movimento Tradicionalista Catarinense, mais tarde chamado de Associação Tradicionalista Gaúcha e depois, na década de 1980, Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina. Mas essa disseminação “não está acontecendo apenas naquelas regiões onde o fluxo migratório rio-grandense no século passado e no início deste século foi intenso (...) mas, também, no Litoral (portugueses e açorianos) e nas Encostas (alemães, austríacos, italianos etc.), áreas que em sua formação não sofreram influência gaúcha” (Nunes, 1987, p.2).

No Paraná existem 156 CTGs filiados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná, que tem treze regiões. Nesse estado, o gauchismo é um sentimento tão forte que, num número da revista da Fundação Cultural de Curitiba dedicado a essa questão, o autor de um texto - sugestivamente intitulado ‘Passe a cuia, tchê!’ reivindica: “não se veja nos CTGs algo exclusivamente do Rio Grande do Sul (...) Os centros de tradições gaúchas, os CTGs, revivem uma tradição que é comum a Uruguai, Argentina, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Somos todos ‘gaúchos’ ( ...), velhos conhecidos, tomadores de mate e comedores de churrasco”. (Tramujas Neto, 1989, p. 25).

No Mato Grosso do Sul há aproximadamente 35 centros filiados à Federação dos Clubes de Laço. Em vários outros estados existem centros semelhantes. Em outubro de 1988, foi realizado em Santa Catarina o I Congresso Federal de Tradição Gaúcha, no qual foi aventada a criação da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, assunto que ainda se encontra em estudos (Fagundes, 1988, p.12).

Pode-se argumentar que, ao cultuarem costumes e valores das estâncias da Campanha, os colonos gaúchos que emigraram para outros estados estão fazendo referência a um mundo ao qual, na verdade, não pertenceram. Ao sofrerem do Rio Grande do Sul, onde tinham no máximo alguns hectares de terra, e adquirirem glebas bem maiores em áreas de fronteira agrícola, eles simbolicamente deixaram de ser pequenos colonos e se transformaram em grandes fazendeiros, isto é, ‘gaúchos’.

Não é descabido imaginar que, no futuro, haja mais CTGs fora do que dentro do Rio Grande do Sul. Embora muitas entidades tradicionalistas de outros estados provavelmente já não sejam freqüentadas por gaúchos natos, mas por seus descendentes, sua existência denota uma grande saudade da querência, em busca de origens rurais perdidas - ou jamais possuídas -, à semelhança do que ocorreu com os fundadores do ‘35’. (19)

Recebido para publicação em agosto de 1990

## Notas

1 - Tau Golin assinala a criação, também no começo do século, dos grêmios de Santa Cruz e Encruzilhada, que geralmente não são citados pelos tradicionalistas (Golin, 1983, p. 32-33).

2 - Entrevista realizada com Luiz Carlos Barbosa Lessa em 4 de outubro de 1983.

3 - Entrevista realizada com Luiz Carlos Barbosa Lessa em 4 de outubro de 1983. Em outra ocasião, o entrevistado afirmou que, em 1948, “ver oito rapazes, no Centro de Porto Alegre, vestidos à gaúcha criava tanto impacto quanto descerem hoje, na Praça da Alfândega, marcianos num disco voador” (depoimento prestado em 18 de junho de 1985, no seminário Sociedade e Cultura no Rio Grande do Sul, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade federal do Rio Grande do Sul).

4 - “O galpão característico do Rio Grande do Sul é uma construção rústica, de regular tamanho, coberta de *santa-fé*, na fronteira, ou de *taboinhas*, nos campos de Cima da Serra, em geral com parte da área assoalhada de madeira bruta e parte de terra batida, desprovido de portas e às vezes até de uma das paredes, onde o fogo-de-chão está sempre aceso. Serve de abrigo e aconchego à peonada da estância e a qualquer tropeiro, viajante ou gaudério que dele necessite. No galpão se prepara e se come o churrasco, se toma chimarrão, e, também nele, nas horas de folga, ao redor do fogo, se improvisam reuniões de que participam democraticamente patrões e empregados, viajantes, tropeiros, carreteiros e gaudérios, nas quais se contam *causos* de guerra, de tropeadas, de carreteadas, de serviços de campo, de caçadas, de pescarias, de amores, de assombrações, ao mesmo tempo que se bebe uma sanha, se toca uma cordeona, de dedilha uma viola, se canta uma modinha ou se recita uma décima” (Nunes e Nunes, 1982, pp. 203-204).

5 - Depoimento prestado por Luiz Carlos Barbosa Lessa em 18 de junho de 1985. Ver também Barbosa Lessa (1985, p. 58).

6 - Entrevista realizada com Luiz Carlos Barbosa Lessa em 4 de outubro de 1983.

7 - Depoimento prestado por Luiz Carlos Barbosa Lessa em 18 de junho de 1985.

8 - Para uma relação dos fundadores do 35 CTG, ver o livro de um deles (Ferreira, 1987, pp. 37-38).

9 - Pampas é o nome dado às extensas planícies da Campanha gaúcha, do Uruguai e da Argentina, cujas pastagens são ideais para a criação de gado. Para uma caracterização da Campanha rio-grandense, ver Franco (1969) e Costa (1988).

10 - Sobre a influência de Donald Pierson no Brasil, ver Lippi de Oliveira (1987).

11 - Entrevista realizada com Luiz Carlos Barbosa Lessa em 4 de outubro de 1983.

12 - Entrevista realizada com Antônio Augusto Fagundes em 14 de setembro de 1981.

13 - Prato de execução simples, feito de arroz e guisado de charque, o carreteiro era a refeição tradicional dos tropeiros gaúchos. À semelhança do que ocorreu com a feijoada (prato de escravos que se tornou símbolo da nacionalidade brasileira), o carreteiro foi nobilitado, transformando-se em símbolo da identidade gaúcha (sobre a feijoada, ver Fry, 1982).

14. Sobre os conflitos que esta política gerou com outros setores, como o de teatro e o de artes plásticas, ver Oliven (1984).

15 - Durante o Primeiro Encontro de Cultores da Música Gaúcha, o presidente da Associação Gaúcha de Eventos Musicais afirmou que, em 1988, “o público médio de cada um dos cerca de cinquenta festivais programados foi de cinco mil pessoas. Isto significa um público direto de novecentas mil pessoas alcançadas, somente nas apresentações nos ginásios ou teatros, mais quinhentas mil, aproximadamente, nos acampamentos”. Ver “Festivais nativistas: público maior que os jogos de futebol”, Zero flora, 12 de julho de 1989, 29 caderno, p. 6.

16 - Em 1980, concentravam-se no setor primário 28,65% da população economicamente ativa do Rio Grande do Sul, no setor secundário 25,77% e no terciário 45,58% (Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, 1985, p. 11). Estima-se que no ano 2.020 o estado terá onze milhões de habitantes, 959'0 dos quais morando em centros urbanos. Ver "Aumenta número de gaúchos que saem do campo para a cidade", *Zero Hora*, 28 de janeiro de 1989, p. 26.

17 - Entrevista realizada com Antônio Augusto Fagundes em 14 de setembro de 1981.

18 - Guardadas as diferenças, este processo tem certa semelhança com o descrito por Yvonne Maggie Alves Velho, quando tratou dos terreiros do Rio de Janeiro (Velho, 1977).

19 - Em novembro de 1988 realizou-se em La Plata, Argentina, o IV Congresso Internacional da Tradição Gaúcha. Definiu-se então a área geográfica da cultura gaúcha: "Chegou-se à configuração de um círculo que toma como diâmetro referencial o paralelo 30 de latitude sul, passando pela localidade de Mendoza (referencial sudoeste, na Argentina) e um pouco além de Sorocaba (referencial nordeste, no Brasil). Nessa imensa área observa-se o congraçamento das tradições autóctones americanas, tendo por elemento em comum o ritual guarani do chimarrão (tradição inexistente noutras porções de nosso planeta) e como objetivo maior a fraternidade universal. Essa definição foi referendada pela 342 Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul, realizado em Caçapava do Sul em janeiro de 1989" (Barbosa Lessa, 1989).

## Bibliografia

ARAÚJO, Rosângela. (1987), *Sob o signo da canção. Uma análise dos festivais nativistas do Rio Grande do Sul*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AZEVEDO, Thales. (1982), *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Segunda edição, Rio de Janeiro, Cátedra.

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. (1989), O cevador. Proposição apresentada e aprovada no I Congresso Estadual de Cultura. Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. (1979), *O sentido e o valor do Tradieionalismo*. Porto Alegre, Samrig.

\_\_\_\_\_. (1985), *Nativismo. Um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre, L&PM.

BASTIDE, Roger. (1964), "O pampa e o cavalo", in *Brasil terra de contrastes*. São Paulo, Difel.

COSTA, Rogério Haesbaert da. (1988), RS: *latifúndio e identidade regional*. Porto Alegre, Mercado Aberto.

FAGUNDES, Antônio Augusto. (1987), "A verdadeira história do Tradicionalismo", in Ferreira (1987).

\_\_\_\_\_. (1988), "Confederação: comissão examina o assunto". *Zero Hora*, 15 de outubro de 1988, p. 12.

FERREIRA, Cyro Dutra. (1987), 35 CTG. *O pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)*. Porto Alegre, Martins Livreiro.

FRANCO, Sérgio da Costa. (1969), "A Campanha", in *Rio Grande do Sul. Terra e Povo*. Porto Alegre, Globo.

FRY, Peter. (1982), "Feijoada e soul food: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais", in P Fry, *Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar.

Fundação de Economia e Estatística. (1985), *Resenha estatística do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre.

GOLIN, Tau. (1983), *A ideologia do gauchismo*. Porto Alegre, Tchê.

GONZAGA, Sergius. (1980), "As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura", in José Hildebrando bacanal e Sergius Gonzaga (orgs), *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre, Mercado Aberto.

JACKS, Nilda Aparecida. (1987), *Midia nativa*. Dissertação de mestrado, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

JACOBUS, André Luiz. (1985), A questão étnica como fonte de tradicionalismo. Monografia de conclusão da disciplina Sociedade e Cultura no Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

JACQUES, João Cezimbra. (1979), *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Erus.

LIPPI DE OLIVEIRA, Lúcia. (1987), "Donald Pierson e a Sociologia no Brasil". *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais* n° 23.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. (1984), *Bailões, é disto que o povo gosta*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MARIANTE, Hélio Moro. (1976), "História do Tradicionalismo Gaúcho". *Cadernos Gaúchos* n° 1. Porto Alegre, Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore.

MOURA, Gerson. (1984), *Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana*. São Paulo, Brasiliense.

NUNES, Lélia Pereira da Silva. (1987), Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina. Comunicação apresentada no grupo de trabalho Sociologia da Cultura Brasileira, XI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Ciências Sociais. Aguas de São Pedro (SP).

NUNES, Zeno Cardoso e NUNES, Rui Cardoso. (1982), *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Martins Livreiro.

OLIVEN, Ruben George. (1988), "A cidade como categoria sociológica", in *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_. (1984), "A fabricação do gaúcho". *Ciências sociais hoje, 1984. Anuário de antropologia, política e sociologia*. São Paulo, Cortez.

\_\_\_\_\_. (1989), "O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol. 3, n°9.

PINTO, Celi Regina J. (1986), *Positivismo. Um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre, L&PM.

ROCHE, Jean. (1969), *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo.

SARAIVA, Glaucus. (1968), *Manual do tradicionalista. Orientação geral para tradicionalistas e Centros de Tradições Gaúchas*. Porto Alegre, Sulina.

Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (1979-1983). (s. d.), *Pólos culturais do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. (1988), *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Funarte.

TRAMUJAS NETO, Arthur. (1989), "Passe a cuia, tchê!". *Leite Quente*, Ano 1, n° 2, p. 25.

VELHO, Yvonne Maggie Alves. (1977), *Guerra de orixás. Um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro, Zahar.

WEBER, Max. (1982), "A Nação", in H. H. Gerth e C. Wright Mills (orgs.), *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

WILLEMS, Emilio. (1946), *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo, Editora Nacional.

\_\_\_\_\_. (1944), "Acculturation and the horse complex among German-Brazilians". *American Anthropologist* vol. 46.